

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE INCLUSÃO: ESTRATÉGIAS PARA POTENCIALIZAR A INSERÇÃO DE ALUNOS LGBTQIAPN+

Joanna Cavalcante da Silva ¹
Vitória Gauger ²
Eduardo Mendes Gomes ³

INTRODUÇÃO

De acordo com Paulo Freire (2020), a educação deve ser entendida como uma prática de liberdade, em que o diálogo e a reflexão crítica ocupam lugar central. O autor propõe que o ato de educar seja baseado na escuta, no respeito e na troca de saberes, rompendo com modelos tradicionais e hierárquicos de ensino.

A partir desse entendimento, é possível reconhecer que a escola precisa ser um ambiente acolhedor, capaz de promover o reconhecimento das identidades e das diferenças como parte fundamental do processo educativo, a ausência de práticas pedagógicas que contemplem essas questões pode reforçar preconceitos e exclusões, dificultando o desenvolvimento de uma cultura de respeito e empatia.

Judith Butler (2019) contribui de forma significativa para esse debate ao afirmar que o gênero é uma construção social, moldada por discursos e normas culturais que determinam o que é considerado legítimo em termos de identidade e expressão. Essa concepção amplia o olhar sobre as múltiplas formas de existir e desafia a escola a repensar seus modos de ensinar e conviver com as diferenças.

Corroborando com essa perspectiva, Guacira Lopes Louro (2014) defende que a escola, embora muitas vezes reproduz padrões sociais excludentes, também pode se tornar um espaço de resistência e transformação e que ao abordar as temáticas de gênero e sexualidade, podendo contribuir para a formação de sujeitos mais conscientes, empáticos e preparados para viver em uma sociedade plural.

¹Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade de Quixeramobim FAUNIQ - CE, jocavalcante05@gmail.com;

²Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade de Quixeramobim FAUNIQ - CE, vitoriagaugers2@gmail.com;

³ Mestrando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, eduardomendesg@outlook.com.

Conforme hooks (2017), a educação libertadora deve possibilitar o diálogo e a reflexão crítica sobre as estruturas de poder que produzem exclusões, promovendo, assim, uma aprendizagem transformadora e comprometida com a equidade. Assim, a inserção dessas discussões nas práticas docentes é fundamental para a consolidação de uma educação verdadeiramente inclusiva.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente trabalho se caracteriza como um relato de experiência, reflexão crítica sobre a prática e o aprendizado na formação em Psicologia (SILVA; OLIVEIRA, 2022). Deste modo, tal relato foi idealizado a partir da identificação da insuficiência de profissionais professores com práticas inclusivas dentro do ambiente escolar público da rede estadual de ensino médio, percepção esta que emergiu durante o período de estágio supervisionado do curso de Psicologia no período de Março a Junho de 2025.

A partir dessa constatação, desenvolveu-se uma proposta metodológica composta por duas etapas principais: pesquisa bibliográfica e a realização de uma oficina formativa voltada aos docentes.

A primeira etapa consistiu em uma pesquisa bibliográfica, no qual foram selecionados autores que, abordam a relevância da educação para a diversidade, da promoção dos direitos humanos e da valorização das diferenças como princípios fundamentais da prática escolar, como Judith Butler, Paulo Freire e Bell Hooks, partindo do pressuposto de que são considerados referência nessas esferas.

A elaboração do material utilizado na oficina teve duração de aproximadamente um mês, período em que foram realizadas leituras, seleções de conteúdo, organização das atividades, definição da metodologia de aplicação e produção de material utilizado.

Com base nesse referencial e no planejamento construído, deu-se início à segunda etapa da metodologia: a realização de uma psicoeducação com professores, tendo como foco a construção de práticas mais assertivas e acolhedoras em relação às questões de gênero e sexualidade.

A oficina foi planejada de modo a proporcionar um espaço de diálogo e reflexão, promovendo o compartilhamento de experiências e o fortalecimento de estratégias pedagógicas inclusivas. Sua aplicação ocorreu em uma manhã, com carga

horária aproximada de quatro horas, e contou com a participação dos docentes da instituição, gestores e profissionais responsáveis pela segurança .

Assim, foram apresentados através de material expositivo as bandeiras que identificam os diferentes grupos da comunidade, destacando seus significados e a importância simbólica para o reconhecimento dessas identidades, também como grupos e movimentos nacionais históricos que atuaram em prol da promoção da igualdade, com destaque para o Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF).

Para consolidar o aprendizado, foi proposto um estudo de caso contendo situações hipotéticas e inspiradas em vivências reais da escola. A discussão produzida durante a atividade possibilitou a análise qualitativa da compreensão e do engajamento dos professores em relação às temáticas trabalhadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A concepção de educação como prática de liberdade, defendida por Paulo Freire, coloca o diálogo, a reflexão crítica e a problematização da realidade no centro do processo educativo.

Para Paulo Freire (2020), educar não consiste apenas na transmissão de conhecimentos, mas na criação de condições para que os sujeitos possam interpretar e transformar o mundo em que vivem. A prática pedagógica, portanto, deve considerar as experiências, os saberes e as identidades dos educandos, promovendo uma educação que liberta e emancipa. O papel do professor vai além do ensino técnico: ele se torna mediador de processos que visam o desenvolvimento de autonomia, pensamento crítico e consciência social.

Bell Hooks (2017) também propõe uma educação crítica e inclusiva, preocupada com a superação das desigualdades estruturais, especialmente em termos de gênero, raça e classe social. Para a autora, ensinar e aprender deve ser um ato que liberta, envolvendo diálogo, troca de experiências e reconhecimento das vozes historicamente marginalizadas.

Ademais, Hooks destaca que a inclusão e a diversidade não devem ser apenas objetivos declarados, mas princípios efetivamente incorporados à prática docente. Para isso, é necessário que os professores reflitam sobre suas próprias posições de poder,

preconceitos e limitações, de modo a criar estratégias pedagógicas que promovam respeito às diferenças e justiça social.

Simone de Beauvoir (2020) contribui para a compreensão das questões de gênero ao afirmar que a condição feminina é socialmente construída e historicamente determinada, onde o gênero não deve ser entendido como uma característica biológica fixa, mas como um conjunto de normas, expectativas e papéis impostos pela sociedade. Essa perspectiva permite questionar estereótipos e abrir espaço para múltiplas formas de expressão e identidade, oferecendo subsídios teóricos para repensar práticas pedagógicas e currículos escolares.

Através de Michel Foucault (2014), podemos ver outras ferramentas para analisar como o poder se manifesta nas instituições e molda comportamentos, normas e relações sociais. Em suas obras, ele destaca que as práticas discursivas e institucionais produzem verdades sobre os indivíduos, regulando condutas e definindo o que é considerado normal ou desviante.

Aplicada à educação, essa perspectiva permite compreender como a escola pode, consciente ou inconscientemente, reproduzir exclusões ou reforçar estereótipos de gênero e sexualidade, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas reflexivas e críticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a realização da oficina, foi possível observar e refletir acerca das práticas docentes voltadas à inclusão e ao trabalho com gênero e sexualidade no âmbito escolar, pois desde o início da atividade, os professores demonstraram engajamento e flexibilidade, habilidades necessárias para o aprendizado.

No entanto, também se evidenciou um receio em lidar com as questões abordadas no cotidiano, principalmente pela ausência de formações anteriores que explicassem o assunto com linguagem clara e acolhedora, visando melhor atuação com os estudantes.

Durante a apresentação dos conceitos básicos sobre identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero, alguns participantes expressaram dúvidas, revelando que, muitos nunca haviam tido contato formal com essas definições. Esse momento foi essencial para desconstruir ideias formadas pelos contextos sociais e

ampliar a compreensão sobre a diversidade existente na comunidade escolar, conforme aponta Butler (2019), ao destacar que a identidade é uma construção social constantemente performada.

À medida que os conteúdos eram apresentados, os professores passaram a se sentir mais confortáveis para fazer perguntas e compartilhar experiências pessoais enquanto docentes, o que tornou a oficina um espaço de aprendizado mútuo. O estudo de caso apresentou um cenário hipotético inspirada em vivências reais do ambiente escolar, desafiando os professores a propor intervenções adequadas para lidar com situações de discriminação ou preconceito relacionados a gênero e sexualidade.

As respostas demonstraram diferentes níveis de compreensão e sensibilidade. Alguns participantes construíram estratégias baseadas no diálogo e acolhimento, enquanto outros apresentaram dificuldade em identificar a melhor forma de agir, optando por respostas neutras que evitavam o enfrentamento direto da situação. Essa diversidade de posicionamentos revela a necessidade contínua de formação sobre o tema, reforçando que a inclusão não depende apenas de conhecimento teórico, mas também de mudanças de atitude e postura ética.

Outro ponto relevante observado foi o envolvimento emocional dos participantes. Durante as discussões, surgiram relatos de experiências pessoais e profissionais que revelaram como o preconceito ainda está presente nas relações escolares e sociais. Esses momentos foram marcados pela empatia e pela escuta ativa entre os presentes, fortalecendo o vínculo do grupo e a percepção de que o enfrentamento das discriminações precisa começar dentro da própria escola.

De modo geral, os resultados da psicoeducação mostraram que os educadores estão dispostos a aprender e a repensar suas práticas, mas necessitam de mais espaços de formação continuada que abordem de forma clara, acessível e sensível às temáticas de gênero e sexualidade. Assim, pode-se afirmar que a oficina atingiu seus objetivos, ao promover reflexões significativas e despertar o compromisso dos professores com uma prática mais inclusiva. O momento de construção coletiva evidenciou que a formação docente voltada à diversidade é fundamental para transformar o ambiente da escola em um espaço realmente democrático, onde todos possam ser reconhecidos e respeitados em suas diferenças (Freire, 2020; Butler, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostrou que, por meio da reflexão e do diálogo, os participantes mostraram flexibilidade para reconsiderar suas concepções e práticas pedagógicas, apesar das limitações geradas por inseguranças de falta de conhecimento, porém, reconhecendo a escola como fundamental na criação de identidades e na construção de conhecimentos que visam o desenvolvimento dos indivíduos.

Além de transmitir conteúdos, é necessário fomentar o diálogo, a inclusão e o respeito à diversidade, observando-se contudo, a necessidade de institucionalização, principalmente por meio de políticas públicas, que garantam a formação continuada e a revisão curricular, a fim da efetivação da transdisciplinaridade dos conteúdos, contribuindo para a transformação cultural focada na inclusão e no respeito à diversidade.

Palavras-chave: Professores, LGBTQIAPN+, Identidade, Relato de experiência, Psicoeducação.

REFERÊNCIAS

- Beauvoir, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2020.
- Butler, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- Foucault, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- Hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- Louro, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SILVA, Mariana P.; OLIVEIRA, Carla R. **O relato de experiência como prática reflexiva na formação em Psicologia**. Revista Psicologia e Saberes, v. 9, n. 1, p. 112-123, 2022.